

## ACÁCIO CÉTOLO, UM HOMEM DAS ARTES

L.A. GENGHINI

Quando adolescentes, nos tempos do ginásio, na década dos 60, nós tínhamos uma “atração fatal” pelo bar do Victório Cétolo, no casarão da esquina da rua Direita, em frente ao bar do Peri, devido às mesas de snooker, bilhar ou sinuca, sempre impecáveis onde ficávamos a ver o pessoal exibindo suas técnicas.

Por ali passavam o

Zé Antonio Andreta, o Armandinho Zucato, o Toninho e o Ulisses Guireli, o Lázaro Domingues e outros tantos iniciantes e futuros candidatos a “Rui Chapéu”. Às vezes, em intervalos de baixa demanda até nós, os mais meninos, arriscávamos umas tacadadas e no final dividíamos o “barato”, que era o pagamento pelo tempo de uso da mesa.

Ao lado do balcão do bar e ao fundo das

mesas de sinuca havia uma porta, sempre fechada que dava acesso ao atelier do mais demandado alfaiate da cidade que nas horas vagas se dedicava, também, à música, tendo sido especialista em instrumentos de sopro e de cordas. Estamos nos referindo ao Acácio Cétolo, um dos filhos do Victório.

Além de ser o alfaiate mais disputado da cidade pelo toque atual e o aca-

bamento requintado de suas peças de vestuário masculino, o Acácio fazia parte, também, de bandas musicais da cidade e nos últimos tempos integrava o Grupo de Serestas.

O acácio casou-se com a Sônia Zucato, com quem tiveram os filhos Charles e Bruna.

A última vez que tive o prazer de assistir o Acácio com o Grupo de Seresta foi há algum tem-

po na Pousada Sítio das Pedras, no evento de lançamento do livro de crônicas de seu colega e também músico, Romildo Labegalini. Uma baita noite, inesquecível.

Em 10 de maio de 2026, aos 85 anos, Acácio Cétolo fez a sua passagem, antes do combinado, deixando órfãos os familiares, os amigos, os músicos e o Grupo de Serestas.

A estas alturas ele já deve estar em

companhia do Ivan Mariano, do Pascoal Andreta, do Hugo Labegalini, do Jair Zucato, do Waldemar Gotardelo e de outros músicos e amigos desta vida que, cada um ao seu tempo, já se mudaram para o andar de cima.

Caro amigo, que Deus o tenha acolhido em paz e dado conforto à sua família, porque você vai fazer falta por aqui.

Até qualquer hora pessoal!

### CRÔNICAS DA MINHA GENTE POSSE DE PREFEITO

IVAN

Era o dia da posse do prefeito. O prefeito, não por acaso, era o Todi. Na juventude o Todi foi assediado por todas as mulheres num raio de 143,8 Km. O aspecto síndico que lhe dava o ar do que sempre teve – integridade moral – longe de afastar as mulheres, era um atrativo a mais, um chamarisco. As feias não o disputavam, pois se consideravam dele, eram sua propriedade – a falta de beleza não exige exclusividade. Desse modo, o Todi dominava e era o dono de admirável rebanho feminino, sem cerca, porque ninguém escapava... e nem queria. Em toda escola que frequentou, sempre foi o melhor aluno; em todo time de futebol que atuou, foi o craque indiscutível. As mulheres, portanto, estavam cheias de razão e toma Todi. Consequentemente, sua posse seria das mais elegantes, luxuosas e concorridas, ocasião mais que propícia para invadir seu harém e roubar-lhe pelo menos uma odalisca, mesmo que feia. Iria chover mulher, tsunami de mulher, mulher às golfadas, enxurrada, destempero de mulher.

O Raimundinho era um dos convidados e estava disposto a fazer mui bonito, principesco e altaneiro papel. Tinha absoluta certeza de passar o Todi para trás, quando fosse envolvido pelos braços sedosos de todo o mulherio que, febrilmente, não supor-

taria seu charme e poder de sedução – eu não fui convidado porque o Todi teve o cuidado de se esquecer de mim, pois pretendia uma festa e não um velório.

Antes do banho em sais e pétalas de rosas Príncipe Negro, o Raimundinho tomou uma pinguinha para debelar eventuais fungos que as flores hospedam. A água, quase fria, tépida, como ele definiu, exigiu mais um golinho, pequeno, porque a intenção era fazer sucesso e o sucesso exige sobriedade. Enquanto se enxugava, inclusive recônditos jamais enxugados, achou por bem tomar outra dosezinha para espantar estranho arrepio nos braços. A roupa era o vistoso esmôkingue, que estaria usando apenas pela segunda vez. A primeira fora em sua formatura e lá se iam alguns distantes anos. Bateu-lhe uma saudade dos quintos, duas lágrimas sabor cana afloraram nos olhos congestionados, eventos que se curam com um fundinho de pinga. Ao ligar o radinho de pilhas a mão imprudente e impudentemente sobrevoou a garrafa, tremeu e entregou-se, servindo-lhe outra, das generosas. Ao estalar, a língua ficou grudada no céu da boca. Mau sinal. Péssimo. Era a letal cola resultante da mistura de pinga com cuspe. Para dissolver, só o contraveneno: mais umazinha. Vestiu a camisa branca, de peito duro, olhou-se no espelho: gostou do que viu,

mesmo com o espelho pregado e, mesmo assim, balançando. Comemorou com uma pinga. Das pequenas; todo cuidado é pouco. Os cabelos, ele ainda os tinha, estavam em desalinho. Como eram poucos e, mesmo assim, prometendo evadirem-se para sempre, passou Gumex em todos, fio por fio. No mesmo espelho viu um ouriço. E dos brabos. O susto levou-o a um dedinho da marvada. A gravata borboleta, “Não é pra me gabar”, estava mais linda e rubra que o arrebol, elogiou-se, justificando mais uma branquinha que desceu como anjo da guarda – lenta e silenciosamente. O paletó preto, com gola luzidia – chique no último, merecedor de outro brinde. A calça, também, preta, o cós protegido por faixa coruscante dava-lhe feição de astro de primeira grandeza. Era preciso comemorar mais essa. Mas onde a garrafa? E o espelho que virou quatro? Ué, a cama parece que voa! Dá uma zonzeira olhar debaixo dela! A porta, meu Deus, roubaram a porta! Isso já é demais. Aborrecido, sentiu grande solidariedade por tudo quanto existe na face da terra. Decidiu ser necessário chorar, primeiro, pelo Ceará, sua pátria invencível, pela seca, à qual dedicou algumas lágrimas com altíssimo teor alcoólico e, depois, jurou defender até a última gota de ál... de sangue todas as criancinhas do Afegânistão que sofrem de di-

senteria. Depois de um brado de liberdade ainda que tardia, apumou o corpo, abriu os braços para o necessário equilíbrio, ordenou: “Amigo Raimundo, rumo ao clube, arrebanhemos as mulheres e seja o que Deus quiser”. Mas, cadê a porta? Depois de encontrada e recuperada, o que levou alguns minutos, saiu e enxergou dois clubes idênticos, tirou par ou ímpar e, com pompa e circunstância, adentrou as dependências da Associação Atlética Monte-sionense, fumegante, emitindo faíscas, chamando a atenção, lançando sorrisos para todas as latitudes e longitudes, liberando arrotos provenientes de extenso canal, os olhos desregulados, olhando prum lado e vendo outro. Mas, que diabo, não lhe notavam a indumentária régia? Onde o bom gosto dos convivas? Onde o conhecimento do traje cerimonial? Onde esta cambada pensava estar? Então só olhavam para seus pés? Por que os pés? Indômito, tentou continuar a caminhada e sentar-se em lugar de honra, da realza, de onde se é visto e admirado, o seu lugar, legitimamente seu. Foi, então, que amigos mais chegados, apontaram apavorados, mas sem nada dizer, os seus pés. Visão estarecedora. Inferno e limbo conluídos. Todos os demônios, capetas, diabos nos seus pés, reunidos. Convergência de Sodoma, Gomorra e monstros clas-

sificados. Pois não é que o Dr. Raimundo Esteves da Silva, renomado engenheiro-agrônomo, da mais nobre estirpe nordestina, encontrava-se, altaneiro, sobre o par de sapatões de trabalho, inteiramente sepultados em merda, merda de todos os animais de curral, merda com urina amanhecida, merda com barro e bosta, merda, merda, merda, merda com capim fermentado e decomposto. E fedia. Fedia de céu em terra, fedia de derrubar nariz entupido, de vomitar em seco, de fugir para todo o sempre. Fedor palpável, de se ouvir, de se amarrar. Aterrorizados, os presentes assistiam aos sapatões deixando marca e cheiro indelével empesando o salão de festas, protegidos por escolta de batedores alados – enormes moscas esverdeadas, varejeiras, perseguindo o mau cheiro, zumbindo, festejando o jantar de carniça e podridão. Todas as

pestilências que o mundo moderno conhece, acompanhadas de seus respectivos miasmas, estavam concentrados nos sapatões do Raimundo. Até as argolinhas para calçar o sapatão estavam fedorentas e entupidas de porcaria. O clube se transformou em latrina cheia, cheirando a defunto de cinco dias. Para a sua glória, o Raimundo, enquanto esteve acordado, permaneceu sozinho, isolado, num raio de dez metros. Depois, tudo sumiu.

Até hoje, passados mais de trinta anos, o Raimundo continua com a dúvida atroz que o atormenta e deprime: afinal de contas, o Todi tomou ou não tomou posse?

*Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.*

### MINS

meus poemas surgem em diversas ocasiões

acredito que vêm das lonjuras da alma mas pergunto se essa alma não é a mesma alma de muitos de mim?

portanto não serei muitos?

não serão esses amores também os amores de meus outros?

não serão os meus amores através dos tempos?

não sei com certeza não sei apenas os escrevi



# O VALOR DE QUEM FAZ O TRABALHO ACONTECER

LEONARDO LABEGALINI

O som das máquinas preenchia o ambiente como uma espécie de música contínua. Para quem não estava acostumado, podia parecer barulho. Para quem vivia ali todos os dias, era quase como um ritmo conhecido — daqueles que acompanham a rotina sem pedir licença.

O Líder Inspirador caminhava ao lado de Téo entre as fileiras de produção. Algumas pessoas concentradas, outras conversando enquanto trabalhavam, mas todas, de alguma forma, conectadas naquele mesmo fluxo.

— Engraçado... — disse Téo, olhando ao redor — quando eu era mais novo, eu achava que trabalho era só obrigação. Hoje eu começo a enxergar diferente.

O Líder sorriu de leve, observando uma colaboradora que ajustava uma peça com atenção.

— E o que mudou? Téo pensou por alguns segundos antes de responder.

— Acho que eu comecei a perceber que o problema nunca foi o trabalho... mas como ele acontece. Tem lugar que suga a gente. E tem lugar que parece que... dá vontade de fazer mais.

O Líder concordou com a cabeça.

— Você tocou num ponto importante. O trabalho, por si só, pode cansar o corpo. Mas o que desgasta de verdade é quando ele vem sem respeito, sem reconhecimento... sem sentido.

Eles pararam próximos a uma mesa onde duas pessoas conferiam peças e trocavam ideias.

— Olha isso aqui — continuou o Líder — percebe como elas estão conversando? Existe troca. Existe colaboração. Isso muda tudo.

Téo observou com mais atenção.

— Então o ambiente pesa mais do que o trabalho em si?

— Muitas vezes, sim. — respondeu o Líder — porque ninguém acorda querendo fazer um trabalho ruim. Mas quando a pessoa não se sente vista, quando ela sente que tanto faz o que ela faz... aos poucos, ela vai se desligando.

Téo cruzou os braços, pensativo.

— Faz sentido... acho que todo mundo já passou por isso em algum momento.

O Líder deu alguns passos à frente e continuou:

— O Dia do Trabalho,

pra muita gente, vira só mais uma data. Mas ele carrega uma reflexão importante: qual é o valor que damos ao trabalho... e, principalmente, às pessoas que trabalham?

O barulho das máquinas seguia constante, mas agora parecia mais leve para Téo.

— E o papel do líder nisso tudo? — perguntou.

O Líder não hesitou. — É enorme. Porque o líder define o clima. Ele pode transformar o trabalho em um peso... ou em um espaço de crescimento.

Téo olhou ao redor novamente, mas dessa vez com outro olhar.

— Então reconhecer é tão importante assim?

O Líder sorriu.

— Reconhecer não é só elogiar. É perceber. É mostrar pra pessoa que o que ela faz tem valor. Às vezes,

um simples “eu vi o que você fez” muda o dia de alguém.

Téo deu um leve sorriso.

— Parece simples...

— E é. — respondeu o Líder — mas exige intenção. Porque é muito mais fácil corrigir erro do que valorizar acerto.

Eles caminharam em silêncio por alguns instantes.

— Posso te fazer uma pergunta? — disse o Líder, quebrando o silêncio.

— Claro.

— Se hoje você estivesse liderando esse time... que tipo de ambiente você criaria?

Téo demorou um pouco mais dessa vez. Respirou fundo, olhando para cada pessoa ali.

— Eu acho que... eu gostaria que as pessoas sentissem que o trabalho delas importa. Que elas

não são só mais uma peça. Que existe respeito... mesmo nos dias difíceis.

O Líder assentiu.

— Então comece por isso. Porque trabalho sempre vai existir. Desafios também. Mas quando existe respeito, clareza e reconhecimento... o peso diminui.

Téo ficou em silêncio, absorvendo cada palavra.

Antes de saírem do setor, o Líder completou:

— O trabalho dignifica, sim. Mas é o ambiente que dá sentido. E isso... está nas mãos de quem lidera.

Do lado de fora, o som das máquinas ficou para trás. Mas, dessa vez, Téo levou consigo algo diferente.

Talvez, pela primeira vez, ele não estivesse pensando apenas em trabalhar.

Mas em como fazer o trabalho valer a pena.

## AFAGOS

Afoguei-me no oceano dos seus olhos e deixei-me levar pela correnteza de bom grado

Explorei galáxias existentes em sua alma e perdi-me no espaço tempo das quimeras

Apreciei todos pores-do-sol que puderam ser vistos na ilusão dos seus horizontes

E cuidei das rosas do seu jardim

Enfim acabei esquecendo-me de mim

Amanda Jaques



## DESCENDENTES DA REGRA DE OURO

DANILO ZUCATO ROBERT

Muitas vezes imaginamos a filosofia como uma atividade de homens fechados em bibliotecas, discutindo abstrações distantes da vida real. No entanto, o século XX produziu uma reviravolta fascinante. Após passarem por duas grandes guerras e verem o rastro de desumanização deixado por regimes totalitários como o nazista, fascista e comunista, grandes pensadores da época chegaram a uma conclusão comum: para as sociedades sobreviverem de forma mais ética e digna, seria necessária certa resistência ao desencantamento do mundo, como diria Max Weber (1864-1920), ou seja, uma reviravolta no modo como olhamos para quem está ao nosso lado e como os tratamos.

O que é mais surpreendente nessa trajetória é que, mesmo usando termos técnicos e caminhos lógicos, esses filósofos acabaram “desaguando” exatamente no centro da “Regra de Ouro” cristã. A máxima “faça aos outros o que queréis que vos façam” deixou de ser apenas um conselho religioso para se tornar o alicerce da dignidade humana. Ali-

cerce que foi definido de diversas maneiras, como veremos a seguir.

Para reconstruir o mundo, Edith Stein (1891-1942), por exemplo, desenvolveu uma filosofia da empatia. Para ela, a empatia não é apenas “ter pena”, mas a capacidade de reconhecer que a pessoa à nossa frente sente e vive o mundo de forma tão real quanto nós. É o que nos tira da nossa própria bolha.

Nessa mesma linha, o filósofo Martin Buber (1878-1965) explicou que a vida só acontece de verdade no encontro. Ele dizia que passamos muito tempo tratando as pessoas como coisas (para nosso uso ou conveniência), quando deveríamos tratá-las como um “Tu”. Para Buber, o ser humano só se torna humano quando se comunica de coração para coração.

Mas o que nos faz manter esse compromisso quando a empolgação passa? Para Gabriel Marcel (1889-1973), o cuidado com o próximo é um ato de resistência contra um mundo que tenta transformar pessoas em estatísticas ou “problemas técnicos”. Em sua visão, o ser humano não é algo que se resolve, mas um mistério a ser habitado.

Enquanto um problema é algo que encontramos no caminho e tentamos solucionar de forma fria e objetiva, o mistério exige que nos envolvamos inteiramente, reconhecendo que a vida do outro está entrelaçada à nossa. Para que esse encontro aconteça, é necessária a disponibilidade: a capacidade de esvaziar-se das próprias ocupações para criar um espaço onde o próximo possa morar. Uma pessoa disponível é aquela que, ao ouvir o apelo do outro, responde com uma hospitalidade que vem da alma.

Já para Emmanuel Lévinas (1906-1995), quando olhamos para o rosto de alguém, recebemos um comando silencioso que diz: “Não matarás”. O simples fato de o outro existir já me torna responsável por ele. Diferente de uma troca comercial, onde eu ajudo para ser ajudado, a alteridade em Levinas é uma responsabilidade assimétrica. Isso significa que eu sou responsável pelo outro independentemente de qualquer reciprocidade.

Um dos conceitos mais belos desse período vem de Simone Weil (1909-1943). Ela falava sobre a atenção. Para Weil, dar atenção a alguém que sofre é o gesto mais raro e

puro de generosidade que existe. Não é apenas olhar, é “esvaziar-se de si” para deixar a dor ou a história do outro ocupar espaço na nossa mente. Ela dizia que a pergunta mais importante que podemos fazer a alguém em dificuldade é: “Qual é o teu tormento?”

Essa filosofia da atenção de Weil ganha um rosto concreto quando olhamos para a vida de Santa Teresa de Calcutá (1910-1997). A Madre provavelmente não lia tratados de filosofia ética, mas vivia a essência do que esses filósofos buscavam. Ao recolher um moribundo das sarjetas, ela praticava essa atenção absoluta. Onde o mundo via sujeira e miséria, ela via o sagrado. O que Weil chamou de atenção, Madre Teresa chamou de amor em ação.

Com tudo isso, ao olharmos e refletirmos sobre estes ensinamentos dessa constelação de filósofos (Buber, Marcel, Levinas e Weil) e santas (Stein e Madre Teresa), e tantos outros que poderíamos mencionar, percebemos que, no fim das contas, boa parte das filosofias éticas do século XX podem ser interpretadas como descendentes longevos da Regra de Ouro de Jesus Cristo.

## DE MÃE BEIJADA

- Cole Porter “I’ve got you under my skin (Eu tenho você encarnada em mim)”: “I’ve Got You Under My Skin / I’ve got you deep in the heart of me / So deep in my heart that you’re really a part of me / I’ve got you under my skin.”

- Cora Coralina: “Mãe é a raiz mais profunda da vida.”

- Clarice Lispector: “Mãe é um ser que carrega dentro de si o amor mais puro e verdadeiro.”

- Victor Hugo: “A mãe é o coração da casa.”

- Kahlil Gibran: “Mãe:

a palavra mais bonita nos lábios da humanidade”

- Carlos Drummond de Andrade: “Mãe é a palavra mais bela pronunciada pelo ser humano”.

Nem precisaríamos ir além do que foi dito, mas complementamos com alguns exemplos do mundo tecnológico que reforçam bem a importância e significado de Mãe: origem, proteção, núcleo, elemento central, original, gerador.

- Aplicação-mãe – aplicação principal que controla ou inicia aplicações menores.

- Base-mãe de dados – base central que alimenta outras bases de dados.

- Biblioteca-mãe – biblioteca principal da qual derivam outras bibliotecas ou módulos.

- Função-mãe – função principal que chama outras funções dentro de um programa.

- Modelo-mãe – modelo base que gera outros modelos derivados em Aprendizado de Máquina.

- Placa-mãe – placa principal que conecta todos os componentes do computador.

- Tabela-mãe – tabela principal relacionada a outras tabelas em um banco de dados.

- Tecnologia-mãe – tecnologia base que gera outras tecnologias ou aplicações.

Não usem trocar a palavra “mãe” pela palavra “pai”, ou tudo ficará sem sentido, ainda que existam pais que são verdadeiras mães para seus filhos.

Vamos encerrar com votos de felicidades a todas as mães.

Auguri a tutte le mamme! Siate eterne!



DURVAL TAVARES

Maio em flor. Sempre cabem declarações de amor. Só para começar, apresento algumas que me foram deixadas “de mãe beijada” lá nas escrituras do Rey Quexoto. Não são nada originais, mas o que importa é o conteúdo que cada uma delas traz. Palavras que são músicas para nossos ouvidos, composições de bons autores, talvez com-

posições para seus amores, mas que soam com muita elegância e relevância para homenagear mães de todas as idades, de todas as cidades. *Veri capolavori:*

- Pixinguinha “Rosa”: “Tu és, divina e graciosa / Estátua majestosa do amor / Por Deus esculpida / E formada com ardor / Da alma da mais linda flor / De mais ativo olor / Que na vida é preferida pelo beija-flor”

**MECÂNICA NETOS**  
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praíha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automobilístico

**CASA DAS MASSAS**  
de Lourdes Labegallini

Pães e Massas Especiais Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170 Fone (35) 997693265 Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

Programe sua festa - nós temos o local!

**RESTAURANTE DA LICINHA**

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

# RUÍNAS E LITERATURA

MATHEUS ZUCATO

Há, para mim, um fascínio peculiar em ruínas antigas. Seja uma construção abandonada, os restos de um templo, uma fotografia rara, uma velha lenda: tudo isso parece carregar uma densidade invisível.

Quando vejo isso, não me parece possível haja quem veja apenas matéria envelhecida, pois se trata, na verdade, do tempo materializado em nossa frente. O filósofo Georg Simmel (1858-1918) teorizou que uma ruína nos impressiona porque nela ocorre uma espécie de encontro entre a construção humana e a ação lenta da natureza. O edifício deixa de ser somente funcional e passa a revelar o trabalho silencioso dos anos sobre aquilo que os homens ergueram.

Parece-me que as ruínas sejam, mesmo, mais perturbadoras do que os edifi-

cios intactos. Uma fábrica em funcionamento é apenas uma fábrica. Mas seus restos evocam um mundo inteiro desaparecido: trabalhadores, vozes, cheiros, máquinas, ambições, falências, histórias familiares. Tudo aquilo que um dia pulsou intensamente agora sobrevive apenas em fragmentos. E justamente porque o passado nunca pode ser plenamente recuperado, nossa imaginação entra nas lacunas remanescentes.

No fundo, acho que o que me fascina é isso: a imensidão do que foi, condensada num fragmento minúsculo. E a imaginação entra exatamente aí, no abismo entre os dois.

A literatura compreendeu isso profundamente. Em autores como Jorge Luis Borges, William Faulkner e W. G. Sebald, o passado raramente aparece de forma completa ou transparente. Ele sur-

ge por meio de rumores, documentos incompletos, fotografias ambíguas, memórias falhas e versões contraditórias. O leitor nunca recebe a totalidade dos fatos, mas apenas vestígios. E os vazios produzem profundidade. O mistério, a mim instigante e cativante, não é um defeito de uma memória, mas parte essencial dela.

Há nessa ideia uma melancolia inevitável, mas também uma espécie de beleza. As ruínas nos lembram que a vida é maior do que nossa experiência imediata, e que a realidade possui profundidades invisíveis. Realmente, chegamos no mundo “com o bonde andando”, e olhar para trás e ver as imagens, lá longe, como pequenas conjecturas, é tremendamente fascinante.

Por isso gosto tanto de ouvir histórias, lendas e causos. Por isso acho alguns autores tão interes-

santes, cujos nomes quero compartilhar aqui. Para não ficar com um texto muito grande, cito alguns livros que para mim carregam essa aura de mistério antigo com narrativa conjectural, na esperança de instigar, também, o leitor.

- Cem Anos de Solidão (Gabriel García Márquez).
  - Ficções (Jorge Luis Borges).
  - O Aleph (Jorge Luis Borges).
  - Nas Montanhas da Loucura (H.P. Lovecraft).
  - Dagon (H.P. Lovecraft).
  - A Cidade sem Nome (H.P. Lovecraft).
  - Pedro Páramo - Juan Julfo.
  - Absalão, Absalão! (William Faulkner).
  - A Invenção de Morel (Adolfo Bioy Casares).
  - O Rei de Amarelo (Robert W. Chambers).
  - O Golem (Gustav Meyrink).
- Boas leituras!

# POEIRA CÓSMICA A TRAJETÓRIA DE UM NISSEI NO BRASIL

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

A Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA) foi instituída em 08 de dezembro de 1982, com o objetivo primordial de manter o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião (MHGMS), que fora inaugurado em 10 de julho do ano seguinte. Além da manutenção do Museu, também são objetivos estatutários da Fundação o resgate e a preservação da cultura local (e microrregional), bem como apoio ao ensino e ao desenvolvimento cultural. Dentre outras atividades na vertente cultural, a Fundação promove anualmente concursos (de poesias, de fotografias e de contos), mantém o Jornal Monte Sião (JMS) e apoia a publicação de livros de autores monte-sionenses ou colaboradores dos seus projetos, através do programa “Semeador de Livros”.

Há alguns anos, que já ultrapassa uma década, chega um novo colaborador esporádico para o JMS, trata-se do nissei Yoshiharu Endo, que publica na edição Nº 444 a poesia “Infância Feliz”. De tempo em tempo uma nova poesia, nos últimos anos com mais frequência, quando a assiduidade chegou a ser quase que mensal mereceu ser incluído no rol dos Colaboradores do JMS, desde a edição 633, então com os versos “AMIGO GENGHINI”. Endo não caiu de paraquedas no JMS, veio trazido por influência do amigo comum Luiz Antonio Genghini (ou apenas Genghini, para os amigos); a leitura dos versos citados explica em plenitude essa benéfica influência, que é lucrativa à FCPA.

Em meados de 2025, o amigo comum Genghini aparece com a proposta da publicação, através do

programa “Semeador de Livros” da Fundação, de um livro de autoria do Endo; uma minuta da publicação foi enviada para análise. Trata-se de um livro bilíngue (nipo-português) de poesias, onde Endo evoca o saudoso passado, com reminiscências que cobrem desde seu tempo de infância no chão natal, passa pela juventude e chega ao tempo recente; a leitura das suas poesias também evocou em mim, assim como tenho certeza ter evocado no Genghini, sentimentos semelhantes, porém com outras companhias e em outras coordenadas geográficas, mas na mesma faixa temporal.

Em POEIRA CÓSMICA – A trajetória de um nissei no Brasil, o autor expõe seus pensamentos em forma de poesias escritas, isso garante a perpetuidade das suas lembranças, que se não publicadas seriam perdidas. No Museu estão expostas peças do

cotidiano passado de alguém, isso garante a perpetuidade dos seus usos e usuários, pois se não estivessem expostas também estariam perdidas.

Só acima de uma certa idade alguns “retornam para ver o seu lugar e já não o encontra”. Graças a Deus existem museus, graças a Deus existem escritores como Yoshiharu Endo.

*A nossa casa, antes cercada por pomares, frutíferas e amoreiras ainda estava lá, mas largada e isolada no meio do nada, como alguém a chorar as perdas, e, em busca de um possível lugar de descanso. (Yoshiharu Endo - 2025)*

*A velha árvore no quintal. Única testemunha. A casa demolida. Os membros da família foram para tantos lugares... A velha árvore resiste. Além do outono, ela deve chorar também nas outras estações. (Antonio Roberto De Paula - 2014).*

# ELEANOR SILVA

JAIME GOTTARDELLO

O arroz permanecia nos degraus depois dos casamentos.

Branco sobre a pedra escura. Misturado a pétalas pisadas e bitucas escondidas perto do jardim da igreja.

Só depois que os últimos convidados desapareciam, Eleanor surgia.

Vestido gasto.

Sapatos baixos.

Um pequeno saco de pano nas mãos. Abaixava-se devagar e recolhia os grãos um por um. Como se ainda houvesse alguma dignidade possível nas coisas abandonadas.

Ninguém falava com ela. As crianças observavam de longe. Os adultos desvia-

vam os olhos, desconfortáveis, como acontece diante de certas tristezas antigas.

Ela morava na casa em frente à igreja.

A casa dos vidros coloridos.

Azul.

Vermelho.

Verde escuro.

Âmbar queimado.

Ninguém sabia desde quando.

E através dos vidros ela espiava.

Espiava as noivas atravessarem o vermelho dos vidros para se parecerem com feridas abertas na tarde. Via os homens como vultos azulados através da sua janela colorida. E o arroz espalhado no chão brilhava como grãos de areia sob a luz do entardecer.

À noite, uma luz fraca atravessava os vitrais e der-

ramava cores mortas sobre a rua vazia. Nunca se viam visitas. Nunca se ouvia música.

O padre Enzo também morava sozinho.

Depois de cada casamento, tirava os paramentos lentamente na sacristia silenciosa e voltava a costurar as próprias meias sob a luz amarela de uma lâmpada cansada. Linha escura. Agulha fina. O mesmo gesto antigo atravessando as noites.

Às vezes escutava Eleanor recolhendo arroz do lado de fora.

Os grãos raspando os degraus.

O saco de pano se enchendo aos poucos.

O vento passando pela praça.

Nunca conversaram de verdade.

Ainda assim, pareciam guardar o mesmo segredo.

Ela olhando o mundo através dos vitrais da própria casa.

Ele remendando meias enquanto os ecos do casamento morriam dentro da igreja vazia.

Depois, as luzes da praça se apagavam.

Eleanor recolhia o último grão.

Padre Enzo cortava a linha com os dentes.

E a cidade dormia sem perceber que certas pessoas passam a vida inteira recolhendo restos — de tecido, de promessas, de amor.

Dois solitários.

*All the lonely people (ah, look at all the lonely people)*

*Where do they all come from?*

# MONTE SIÃO, UMA CIDADE QUE GUARDA HISTÓRIAS

Monte Sião jamais envelheceu  
Ela conserva em seus documentos  
Histórias de quem nela viveu  
Que foram os melhores momentos

Monte Sião continua serenamente  
Mostrando o vigor de sua juventude  
Pois seus moradores são plenamente  
Consciosos de suas atitudes

Monte Sião é mão que afaga  
Que entenece corações  
Monte Sião é como afiada adaga  
Que transforma cortes em fortes emoções

Monte Sião que no passado  
Mostrava sua tranquilidade  
Em ruas de puro chão molhado  
E de sua igreja com solenidade

Monte Sião sempre traz de volta  
Quem se ausentou distante  
Mas saudosos das conversas nas portas  
Ou pela friagem enregelante

Monte Sião sempre procura colher  
Frutos com seus moradores  
Colhe-os não para vender  
Mas para tornarem-se seus valores

Monte Sião é como se fosse humana  
Pois corre em suas ruas o sangue mineiro  
Os seus moradores são como uma chama  
Num velho fogão a lenha com seu braseiro

Monte Sião seus 177 aniversários  
No caminhar jamais a envelhece  
Ao contrário pode fazer muitos centenários  
Pois é imortalizada e sempre se rejuvenesce

*(Estrofes montadas ao ler a crônica do Jaime Gotardello, publicada na edição 645, março de 2026, quando a cidade comemorou seus 177 anos de fundação. Parabéns ao cronista e a todos os que fazem parte da bela, catita e sempre jovial Monte Sião)*

Arlindo Bellini

POEIRA CÓSMICA

A trajetória de um nissei no Brasil

ある日系二世のメンタルでの足跡

宇宙かけら

FUNDAÇÃO CULTURAL PASCOAL ANDRETA

Caríssimos Leitores,

Sinto-me realmente feliz e honrado pelo fato de "Poeira Cósmica" ter chegado às suas mãos e desejo boa leitura.

Este é o resultado de um trabalho inspirado e minucioso, realizado com o apoio e a participação direta da Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA) que nos incentivou e trabalhou duramente para que chegassemos a este final.

Para que a FCPA continue incentivando e publicando novos autores e obras, permitimo-nos solicitar uma contribuição voluntária, de qualquer valor, que poderá ser destinada à FCPA - Fundação Cultural Pascoal Andreta por meio de PIX, TED ou pelo escaneamento do QR Code abaixo, a título de doação.

Com orgulho e gratidão,  
**Yoshiharu Endo**

Chave PIX (CNPJ): 17.414.632/0001-02  
Dados bancários:  
Banco: 748  
Conta: 0217 / 50046-2

O marca-página de POEIRA CÓSMICA, que até serve para marcar uma página durante uma leitura interrompida, tem função precípua a divulgação da Fundação Cultural Pascoal Andreta, como sugerido pelo Endo. Para selar essa relação simbiótica, que foi a editoração e publicação deste livro, o autor resolveu, ele mesmo, apresentar a Fundação e sugerir uma contribuição financeira para os “nossos” projetos culturais, uma vez que a obra está sendo oferecida graciosamente à comunidade japonesa e nipo-brasileira, onde se inclui expoentes de vários segmentos da “Terra do Sol Nascente” no Brasil.

**SUPERMERCADO SHIMODA**  
Onde seu dinheiro compra mais  
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300  
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175  
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes  
**Oliveira**  
A melhor carne da região!  
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000  
(35) 3465 1817 / 3465 2109

**MAZA**  
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS  
**PNEUS**  
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA 25/05/2026

CÍRCULO ÍTALO-BRASILEIRO DE MONTE SIÃO – MG

Eleição e posse do Conselho Deliberativo, Presidente da Diretoria e Presidente do Conselho Fiscal - Exercício 2026 a 2029.

O Presidente do CÍRCULO ÍTALO-BRASILEIRO DE MONTE SIÃO - MG, JOSÉ AYRTON LABEGALINI, eleito em 25/05/2024, no uso de suas atribuições e poderes, regularmente constituído perante os registros públicos no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas desta Comarca, em 21 de Maio de 1993, sob nº 47, às fls 47 do Livro A-1 de Pessoas Jurídicas, e nos termos das averbações de sua última alteração estatutária assentada em Protocolo 005074 – Registro: 000047 – Livro :A7 AV Fls. 89 Pág. 1 em 14/12/2009 RCPJ de Monte Sião - MG, em seus Artigos: Art. 6º inc. "A", Art. 8º parágrafo. 1º, Art. 9º, Art. 10º alínea "A" e "B", e parágrafo único, Art. 13º e Art. 14º – parágrafos 1º e 2º, parágrafo 3º, Art. 16, inc. "A", Art. 17º e Art. 18º parágrafo único, Art. 19º e Art. 20º inc. "A", resolve, CONVOCAR os senhores associados Fundadores, Efetivos e Beneméritos, com direito a voto e todos os diretores e conselheiros, bem como seu Advogado o DRº ALLISON HENRIQUE NUNES DE PAULA, inscrito na OAB/SP nº452.393, bem como seus convidados e membros Honorários para a realização da ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA - AGO, a ser instalada em 1ª (primeira) convocação às 19:00h (Dezenove horas) do dia 25 (Vinte e Cinco) de Maio de 2026. A assembleia será realizada na sede do Círculo. É necessária a presença do número mínimo de 2/3 (dois terços) de seus integrantes, razão que, se não auferido o "quorum" qualificado no dia e hora determinado, fica desde já marcada a 2ª (segunda) convocação para o mesmo dia, às 19:30h (Dezenove horas e trinta minutos), quando será constituída com qualquer número de presentes, para deliberação dos seguintes assuntos:

- A. Fazer as alterações necessárias no estatuto da entidade
- B. Ler a Ata da última Assembleia Ordinária 2024, votar e ratificar seus termos.
- C. Tratar de ouvir de seu Presidente (Conselho Deliberativo) sobre o balanço de atividades realizadas no exercício de seu mandato de 2024 até 2026.
- D. Dar a palavra ao Presidente do Conselho Fiscal; sobre o balanço de atividades realizadas no exercício de seu mandato de 2024 até 2026 e sobre as contas aplicadas e apresentadas.
- E. Dar a palavra ao Presidente da Diretoria, para declarações sobre atividades da Diretoria e seus diretores, se quiserem dela fazer uso, e sobre suas gestões.
- F. Apresentar Rol de Cargos e convocar nominalmente os aptos a votação da(s) chapa(s) previamente candidatada(s) à nova diretoria, e seus candidatos.
- G. Tratar das eventuais impugnações, apresentar e votar a(s) Chapa(s) Concorrente(s), para eleger os novos membros diretores e conselheiros, exercício (25/05/2026 até 25/05/2029), nos termos de seu estatuto e dar posse aos novos eleitos.

A publicação na imprensa local é o meio estatutário de convocação oficial, precedendo mais de (8) dias e será feita sua fixação em sua sede nesta data, ambos figurando doravante como o documento hábil ao chamado para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto a todos os interessados aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam estes presentes ou ausentes.

MONTE SIÃO, 17 DE ABRIL DE 2026

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

Presidente

PRIMEIRA PREFEITURA

Fotografia da primeira gestão municipal de Monte Sião, após emancipação da cidade de Ouro Fino.

Em pé, da esquerda para a direita:

- Raul Bernardi,
- Adolfo Geraldo Mantovani,
- Fioravante Jaconi,
- Pascoal Andreta,
- Horácio Pennacchi.

Sentados, também da esquerda para a direita:

- Antônio Francisco,
- Mário Zucato,
- Elpídio Glória.



BAÚ DO ZOTE

Neste espaço o JMS publicará, todo mês, histórias e causos de Monte Sião e seus cidadãos.



- PREFEITO E FUNCIONÁRIOS - (1943)

E você, leitor, conheceu o ônibus do Zote? Conhece alguém que tenha usado o ônibus do Zote para ir até a escola em Águas de Lindóia? Nos envie sua história para publicarmos no Jornal!

Envie para: [jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br](mailto:jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br)

JUAREZ FRANCISCO ODININO – O COEIO

L. A. GENGHINI

Se não me falha a memória, lá pelo início da década dos 60, ou até um pouco antes, meu pai chegou em casa comentando consternado a morte do Sr. Belmiro Odinino, conhecido como Belmirinho, pai de família numerosa, como era normal naquela época, amigo de meu avô Tuninho Genghini, logo, os seus filhos eram, também, amigos dos filhos do Tuninho. Moravam lá pelos lados do Perobal, Almeidas, Furrer, Coxos. Os filhos foram se casando e alguns foram morar na cidade, como foi o caso do Zulmiro, grande sanfoneiro que alegrava nossas quadrilhas do ginásio, e outros que ficaram na lida da roça.

O Anésio, um dos mais velhos, já com filhos crescendo e com demanda por estudo e por alternativas de trabalho, juntou a família e as tralhas e se mandou pra Monte Sião, com a turma toda. Me escuso, antecipadamente, por não lembrar os nomes de todos, mas tenho

lembrança muito viva do Jairzinho (que também aprendeu a tocar acordeom), do Tinho, do Tarzan e do Juarez, um pouco mais novo do que nós, a quem foi dado o carinhoso apelido de "Coeio", que lhe acompanhou pela vida toda.

Da família do Anésio Odinino saíram grandes mecânicos e palmeirenses fanáticos.

Durante muito tempo, depois de minha mudança para São Paulo, perdi um pouco o contato com a turma, até que, convidado pelo primo João do Mano, comecei a participar dos tradicionais almoços anuais da torcida palmeirense de Monte Sião. Lá reencontrei o "Coeio" e nos pusemos a recordar os "melhores momentos" de nossas vidas em pacata cidade do interior.

Durante muito tempo o "Coeio" trabalhou na Porcelana Monte Sião, com o inesquecível e insubstituível Toninho da Fábrica. Depois, assumiu a vocação que era feita de peças enferrujadas de fuscas, mãos "sujas" de graxa e um eter-

no socorrer, prestar favores e estar disponível para quem dele necessitasse, sempre sorridente, irreverente e exalando vida. Era, também, esse nosso amigo um bom e zeloso pai de família, seguindo a tradição da italianada que imigrara a Monte Sião.

A sua chegada nos almoços dos palmeirenses era marcante porque todos paravam, se alegravam e imitavam o famoso berro rouco do dragão, o qual só ele era capaz de fazê-lo com tanta destreza e perfeição: *Huuuuuuuuuu!* *Huuuuuuuuuu!* *Huuuuuuuuuu!*, alegando ser uma terapia perfeita que expulsava e eliminava todos os males, inclusive mau-olhado, praga de sogra, encostos e inveja das outras torcidas.

Um dia chegou uma postagem dando conta de que o "Coeio" havia se submetido a uma inevitável cirurgia de próstata e que teria havido complicações... Ato contínuo surgiu outro post rifando o seu Fusca 74 de estimação (a coisa estava ficando feia mesmo. Eu

comprei um número na mente de que se ganhasse devolveria o carro àquelas mãos que conheciam e haviam acariciado cada uma das peças daquela joia, não os separaria).

Então, no dia 27 de abril de 2026, aos 71 anos de idade, o nosso amigo e guerreiro Juarez Francisco Odinino, o Coeio, sucumbiu à doença e nos deixou, tendo sido, o seu corpo, velado na Câmara Municipal de Monte Sião e sepultado no dia 28.

Para nós ficou o vazio da ausência do amigo, restando as animadas fotografias, filmes e os gritos do dragão que os amigos gravaram e o manterão para sempre com finalidade terapêutica, principalmente para matar a saudade.

Nossos pesares e sentimentos esperando que o "Coeio" tenha sido acolhido em paz e em bom lugar e que sua família encontre conforto para continuar. *Huuuuuuuuuu!* *Huuuuuuuuuu!* *Huuuuuuuuuu!*

Até qualquer hora pessoal!

VASTIDÃO

Sonhar é como  
A respiração,  
Muitas vezes  
Nos esquecemos dela,  
Mas quando respiramos  
Com propósito,  
Com brilho e com amor,  
Tudo volta a ter sentido.

Pode ser visitar  
Um parque  
Do outro lado do mundo  
Ou ter um casamento  
Bem-sucedido.  
Pouco importa qual é  
O objetivo final,  
A verdadeira beleza  
Está no processo,  
Em cada pequeno  
Passo dele.

O desejar que faz  
Os olhos brilharem,  
Os passos em sua direção  
Que aumentam  
Os batimentos cardíacos,  
A memória do desejo  
Tão profundo  
E verdadeiro  
Que foi realizado.  
Às vezes só,  
Outras ao lado de alguém  
Que também nos cativou.

Mesmo tentando  
Fazer caber em versos,  
É sentimento  
E, dito isso,  
É diferente para cada  
Ser vibrante.

Assim como a respiração,  
Nos lembra que  
Estamos vivos.

Giovanna Oliveira Lima

quê. Quem foi mesmo que disse "amai-vos uns aos outros"? Drumond escreveu: Mundo, mundo, vasto mundo / Se eu me chamasse Raimundo / Eu seria uma rima / Não seria uma solução. Os astronautas acabaram de mostrar como nos sentimos pequenos e insignificantes diante do Universo e que lá do alto não se percebe nenhuma divisão na Terra. Lá do alto...

MUNDO, VASTO MUNDO

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Dia desses revi "Crash – No Limite", filme que revela a fragilidade da coexistência humana. Tudo parece aleatório no início, mas no final fica evidente o entrelaçamento das vidas de cada personagem. Ou seja, os relacionamentos não são independentes e um acaba afetando a vida do outro. Em resumo, o Homem é um ser social. Querendo ou não,

gostando ou não, precisa viver em sociedade.

A vida continua assim. Alguns humanos dão uma incrível volta ao redor da Lua enquanto outros jogam bombas destruindo cidades inteiras. Países fazem acordos de paz, mas nenhum cumpre. Algumas pessoas estão doentes em fase terminal enquanto outras estão planejando festas e viagens. Filhos matam pais por causa de herança. Pais abando-

nam crianças. Há muitos velhinhos abandonados em asilos. Tem gente andando a pé e alguns com carros luxuosos na garagem. A educação dos motoristas no trânsito me espanta. Todo dia um motorista bêbado destrói uma família. Na minha região vão construir um trem intercidades que vai atingir 160 km por hora, uma modernidade. Em outros países já existem trens rodando a 500 km por hora. Na minha cida-

de o valor do IPTU virou uma grande discussão, misturando com taxas de condomínio. Uns pensam isso, outros pensam aqui. 80 milhões de brasileiros estão endividados. A declaração de IR vence em maio. Há crianças estudando e crianças passando fome. Uma mulher morre a cada seis horas no Brasil por feminicídio. Tem gente orando. Mas a Páscoa já passou. O Dia do Perdão (Yom Kippur) é celebrado nem sei por

**MECÂNICA NETOS**  
nacionais e importados  
Ernesto A. G. Bacellar  
Engº Mecânico Automobilístico  
Fone: (35) 3465 2772  
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praíinha)  
Monte Sião - MG  
CEP 37580-000

**dynamise**  
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais  
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060  
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG  
www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!  
**RESTAURANTE DA LICINHA**  
Espaço para 250 pessoas  
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

# A VIÚVA

PAULO FRANCO

A cidade era pequena, contava com menos de seiscentas famílias. Antes do relógio da torre da igreja anunciar seis horas, a notícia da morte do jovem advogado Crispim se tornou o principal assunto nas conversas daquela manhã nublada de janeiro. Em frente ao casarão, cercado por um gradil muito baixo e situado num local privilegiado da praça central, curiosos se aglomeraram e a bisbilhoteira já estava instaurada.

Na barbearia, Leonora, a viúva era o objeto da prosa:

— Tão jovem, tão bonita...

Na praça, as moças falavam do morto:

— Tão jovem, tão bonito...

Os amigos:

— Foi infarto fulminante!

Os não tão amigos e invejosos:

— tanta energia, tanto esforço, tem seu preço...

Entre as beatas:

— Foi castigo divino! Aquela casa era pura devassidão!

Algumas comadres:

— Ouvi dizer que ele morreu na cama, em cima dela!

O caso é que Leonora e Crispim gostavam de se amar todos os dias, pelos quatro cantos da casa. Mais, adoravam se exibir e levavam a cabo todo tipo de fantasia, com as janelas escancaradas, livres de pudores.

Ela era uma bela mulher enquanto ele não primava pela mesma beleza da esposa, mas tinha boa aparência e a cativou sobretudo, pela primazia na cama e outros dotes. Os dois juntos tinham um “je ne sais quoi” que hipnotizava e atraía para si todos os olhares.

Muitas pessoas acompanhavam a vida do casal como novela, sorvendo

cada capítulo com curiosidade e prazer, criando enredos para o capítulo do dia seguinte. As janelas do casarão eram grandes, de peitoril largo, atuavam como telas para o espectador e as estrelas da performance mostravam esmero nas cenas e não poupavam na utilização de acessórios e coadjuvantes exóticos.

Os homens se reuniam na praça, em pequenos grupos, enquanto os rapazes, mais afoitos, passavam de frente o casarão a pé ou de bicicleta e os mais ousados se detinham perto do gradil para ver e ouvir melhor. Enquanto isso, por detrás das cortinas dos quartos e salas vizinhas, as mulheres espreitavam discretamente o que se passava com os vizinhos.

O fato é que o casal era, com frequência, tema de conversas, que poderia ocorrer tanto em mesas de botequins, quanto em

mesas de jantares entre as famílias mais proeminentes da cidade. Na mesma medida, de forma subjetiva, era assunto para sermões de domingo na igreja católica, bem como, de forma bem mais direta, era matéria para inflamadas oratórias dos pastores protestantes.

Alheios a todo esse disse-me disse, o casal seguia feliz seus dias e noites de amor até a fatídica noite em que o coração de Crispim parou de bater.

Velório, enterro, também foram acompanhados de perto por quase toda a população da cidadezinha. A viúva estava inconsolável e assim permaneceu por quase um ano. Luto fechado. Janelas fechadas. Leonora quase nunca era vista fora de casa.

Mas os assistentes de plantão não a esqueciam e foram os primeiros a notar que as janelas haviam se aberto novamente.

O assunto nas conversas agora era outro: a viúva estava recebendo alguém.

— Quem seria o sortudo? Alguns se perguntavam.

— Quem seria o infeliz? Despeitados se questionavam.

Ocorria contudo, que apesar dos esforços empregados pelos “voyeurs” da cidade, o que viam através das janelas abertas era Leonora, ora conversando animadamente com alguém, ora sorrindo para alguém e não conseguiam ver a pessoa com quem ela conversava ou para quem sorria. Não ouviam o que ela dizia nas conversas, mas invariavelmente ouviam seus gritos de prazer depois das conversas, dos jantares e dos sorrisos. A conclusão foi unânime: ela estava sempre sozinha!

Não tardou para que toda a cidade falasse sobre isso. A maior parte achava

que a viúva enlouquecera, alguns porém, acreditavam que o falecido vinha do além para visitá-la.

Loucura ou coisas do outro mundo, os monólogos e as performances solitárias da viúva foram diminuindo o interesse da plateia e não demorou pra que as janelas da casa ficassem totalmente sem público.

Uma madrugada, após uma noite de amor e o relógio da igreja bater quatro horas, a viúva se levantou sorrindo, parou na soleira da porta do quarto e detrás dela saiu uma pessoa com nanismo, que já tinha frequentado aquela casa como coadjuvante e agora protagonizava a ação. Atravessou a sala, passando bem abaixo do peitoril da janela, saiu pelos fundos, cruzou a rua desabitada e transpôs outras ruas e becos igualmente ermos, seguindo em frente até desaparecer no horizonte.

# QUINTAIS

J CARLOS GROSSI

Era uma cidade de quintais, me lembro. E quando a poltrona de casa me acomoda e me adormece é que revivo um sonho, atrasado no tempo, viajando em silêncio para não incomodar ninguém e nem perturbar a rua que seguirá tranquila com seus barulhos.

A mãe estende seus lençóis no varal de arame, erguido por varas de bambu. E é no gramado,

embaixo dos lençóis e do pijama do pai, que brinco com uma pequena bola de borracha.

A goiabeira está carregada de frutas pinicadas por sanhaços, o limoeiro amadurece seus galegos e a ameixeira, de noite, alimenta morcegos e serve de poleiro para uma permanente coruja.

A horta, com seus canteiros cuidados por divisões de tijolos, me repleta de ternuras de alfaces, chicórias e rúculas. E onde passeiam, bastante

sonolentas, algumas graciosas lesmas.

Também sei que nunca me esquecerei da mangueira que cultivava o canto do sabiá que sempre anunciava o entardecer no mesmo horário.

À noite meu quintal se enchia dos fantasmas que meus irmãos me inventavam. E cada um possuía seus próprios e terríveis poderes de amedrontar. Mas um, aquele que se tornou meu preferido, é o que tinha a voz trêmula, suplicando meu

nome porque agonizava de uma dor profunda. Mas de qual dor eu nunca soube.

Meu quintal era meu reino, minha fazenda de bois de chuchus e de meus amigos imaginários que vinham brincar comigo nas horas de solidão.

Então sorrio, pois esses amigos imaginários ainda insistem em me visitar quando escrevo histórias. São meus personagens envelhecidos, às vezes irônicos, outras

vezes ranzinzas e nunca engraçados. Acho que é porque envelheceram e perderam suas casas nos troncos das árvores, suas estrelas de vagalumes, seus oceanos de chuva e os relâmpagos que davam um tremor divertido na gente.

Sabe, finalmente acordo e percebo, atemorizado, que de fato eu tive um quintal onde moravam fadas, onde galopava meu cavalo alado de cabo de vassoura e brincava de pi-

lotar o galho da goiabeira em missões espaciais. E quando a fome apertava o meu mínimo estômago, era apenas colher uma mexerica azeda e uma carambola amarela. E se a sede secava a garganta, era só correr até a torneira que regava as roseiras da mãe.

Mas eu não sabia que o tempo, esse senhor absoluto das coisas, em seu passar lento e irredutível acabaria por destruir todo o meu mágico, real, fantástico e encantado quintal.

## MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

### TROCANDO FANTASIAS

ILSON JOÃO MARIANO SILVA

Toda criança tem seu mundo particular de fantasias, mundo esse criado pelo ambiente que conhece ou sonha, pelo que bem ou mal entende, ou ainda, por outros fatos mais profundos que só sua santa ingenuidade pode traduzir-los.

Também eu, quan-

do criança, criei o meu mundo de fantasias ou de explicações fantasiosas aos fatos que me rodeavam. Hoje adulto que sou, passei a ver a realidade e concluo que fiz uma baita besteira em desacreditar naquilo em que punha uma fé inteira e inabalável. Quando pequenino, acreditava eu que o queijo nascia d'uma árvore. Embora nunca a tivesse

visto, imaginava uma árvore grande, pois minha experiência já havia visto queijo parmesão grande assim... Havia, portanto naquela época, várias espécies de árvores-de-queijo que produziam de acordo com sua variedade, os conhecidos mineiros, cabacinha, nozinho, prato etc. Por um bom tempo comi queijo de árvore, até um dia que alguém -sei que não foi por maldade - explicou e mostrou-me um laticínio, matando então o meu pomar de queijos. Não gostei do laticínio; meu pomar era mais bonito. Conforme-me com o fato patente e querendo ou não, tornei-me adulto; mas essa fantasia ficou morando para sempre comigo.

Dia desses, à tardinha, estou sentado na calçada de casa e chega até mim o menino louro, de cabelos lisos como ranchinho de sapé, esperto feito azogue, conversador como poucos. Puxou prosa e destampou a contar-me suas histórias cheias de ingenuidade ainda não existia bem o tamanho das coisas, e por isso mesmo, contava-me que seu papagaio era do tamanho do mundo e que já voava pilotando sua leveza até às lonjuras do Sítio do Pica-pau Amarelo. Estou dando cordas às suas fan-

tasias e me lembro então das minhas árvores-de-queijos. Fui dando um jeito e, na primeira pausa da história do papagaio, cortei o papo e iniciei a contar-lhe com toda a fé que tivera quando menino: - Sabe, lá no meu sítio tem uma árvore-de-queijo que está a coisa mais linda desse mundo; carregada, com os galhos arcados de tantos queijos pendurados, que já estão na horinha de comer.

Notei que o menino ficou meio esquerdo com o que falei; mas tanto argumento pus na fantasia que sua curiosidade aumentou, e eu -achando lindo- satisfiz a todas às perguntas, criando fatos acontecidos no meu pomar de sonhos. Dali a pouco, eu já satisfeito em ter passado a alguém as minhas realidades de Carochinha, surpreendi-me com o menino que, com toda a pureza de criança, passou a contar-me: - Sabe Tio, lá na minha fazenda, eu acho que não tem árvore-de-queijo; eu nunca vi isso por lá. Tem mais melhor que isso. Tem uma árvore-de-pirulito que só eu sei onde ela está. Não é árvore grandona não, mas eu preciso trepar nela pra apanhar os pirulitos que -nessa época- estão quase maduros; estão de vez. Quando estiverem bem no ponto, é

só a gente embrulhar com papel colorido, cortar o cabinho e pronto! Tem de groselha, limão, um mundo de gosto gostoso.

Enquanto ainda me contava das belezas do seu piruliteiro e eu acompanhava as fantasias criando com elas as imagens mais bonitas, alguém gritou lá da casa vizinha: - Vem tomar banho, menino!...

Foi para casa a criança com mais uma fantasia à espera de que um dia a vida venha mostrar-lhe a verdade. Entrou em sua casa um adulto convencido de que a realidade é mentirosa e que a fantasia é muito mais bonita e mais melhor.

Você não tem um pé-de-pirulito pra eu plantar no meu sítio?

## O VENTO

Que vem de lá só prazer me traz

tem o cheiro tem o gosto tem a pose de Gerais

minhas ruas meus amigos meus irmãos e o Jornal

a matriz a escolinha o jardim o estilingue e os quintais

quando brisa traz meus pais

popo de sião

## EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 - )

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva (in memorian), Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (in memorian), Ivan Mariano Silva (in memorian), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (in memorian), José Antonio Zechin, José Ayrtton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Lucas Provenzano, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral (in memorian), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Maio de 2026

Nº 647

# ÚLTIMO TREM

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### Junho de 2026

Dia 01 Rosângela Araújo Aparecida Jaconi Faraco	Dia 17 Reinaldo Comune Edemário Souza Bueno Adriana Aparecida Oliveira
Dia 02 Wedimilson Giovani da Silva	Dia 18 Dorivalva G. de Bacellar
Dia 04 José Raimundo Rodrigues Ronan Gaiotto Benatti Dulcinéia Dias e Silva	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva Claudemir Jonas Claudete Jonas Helvin Barbosa
Dia 05 Antonio Carlos Ortoloni Jr. Luciana Ferreira de Godoy Eiko Tanaka Bernardi Rodney Campbell Queiroz	Dia 18 Juliano Bueno de Godoi Maria Carolina M. Benatti
Dia 06 Patrícia da Silva Puton Paula Silveira Andreta Sebastiana R. Zucato	Dia 20 Naliete Rufino Lima José Oscar Bernardi Danieli Zucato Gaspardi Márcio Roberto Labegalini Anderson Luiz de Oliveira Maria Tereza Dias Fernandes Jonni B.E. Delphim Resende Maria Laura Pereira Zucato
Dia 07 Mayara Pereira Alves Joela Ávila Santos	Dia 21 Rosângela D. Righete Karina Guarini Graziani Comune Pinheiro Fernando Gonçalves Oliveira
Dia 08 Marco Antonio Guireli Roberta Jaciane Beatriz Veloso Labegalini	Dia 23 Mariane Faria Zucato Cristiani Marisa R. Guarini Carla Fernanda Faraco Joaninha B. Queiroz Bueno
Dia 09 Sônia Maria dos Santos	Dia 24 João Batista Camilo
Dia 10 Mayté Tavares Souza Bueno Wanderlei Armelino Mário Márcio Zucato Jr.	Dia 24 Camila Raimundo de Souza Maria Celina Comune Débora Martins Vedovoto
Dia 11 Gláucia Maria Comparini	Dia 25 Luiz Henrique Ferreira Rogério Virgílio
Dia 12 Sandra Vilas Boas Altair Antonio Augusto Mariles A.D. Resende Gisele Lopes Giovana Evi Labegalini	Dia 26 Maria Regina S. Souza
Dia 13 Rita Amélia de Souza	Dia 27 Paulo César A. Branco André Luiz C. Labegalini Thais Labegalini Tiago Bourgeth Machado
Dia 14 Bruno Aparecido Ruiz Thais F. Lopes Josiane Barros de Oliveira	Dia 28 Simão Pedro Alves
Dia 15 Eliza Machado Patrícia Corsi Fátima Ivanilde P. Labegalini Roberta Damasceno e Souza	Dia 29 José Luiz de Oliveira Graziela Zucato Marcela Pereira Alves Flávia Canela
Dia 16 Felipe Prado Jaconi Danilo Labegalini Victor Morelo Valentim	Dia 30 Rodrigo de Castro Ribeiro Benedito José dos Santos José Aparecido da Silva Izilda Angélica C. Canela.

A todos, as felicitações da Redação!

### ESTREIA NO JORNAL MONTE SIÃO

Estreia no mês de maio, neste periódico, a escritora Amanda Jaques. Nascida em 2005 na cidade de Bueno Brandão, MG, escreve desde pequena, geralmente narrativas. Esta é a primeira vez que se arrisca em poesia e foi estupefante! É amante de bons cafés e livros de suspense. Gosta de desenhar no seu tempo livre. Seja bem-vinda, Amanda!

### INSÍGNIA MAJOR ANTONIO BERNARDES DE SOUZA

Dia 13 de maio de 2026, A Câmara Municipal de Monte Sião, por iniciativa do Vereador Gedielson Maciel, convocou nosso conterrâneo Dito Dorta Neto, para receber a insígnia Major Antonio Bernardes de Souza, em reconhecimento aos serviços prestados à cidade na área de recepção e turismo. Monte Sião tem imenso potencial a ser explorado na área de turismo, muito além da indústria da malha e do "turismo beija-flor" que chega, faz suas compras e vai embora. Aliás, no fim de semana de 09 e 10 de maio andei pela cidade, procurando com lampião uma vaga de estacionamento... horas rodando e rodando... Na vida moderna o automóvel está incorporado às famílias, então, qualquer negócio que se preze precisa oferecer acesso a estacionamento. É tempo de investir, também, no potencial turístico do município a fim de que os turistas realmente venham a Monte Sião e em vez de passar por, e passar raiva possam desfrutar da cidade e da região.

Parabéns, Dito Dorta! Tem uma longa caminhada pela frente.

### POR FALAR EM MAJOR ANTONIO BERNARDES DE SOUZA

É possível que ainda existam descendentes do fundador da cidade por aí. Tenho informações, não confirmadas de que os Pereira, da família do Shirley e os Dorta descendentes do Dito Dorta *nonno*, têm vínculo de parentesco com o fundador. Precisamos conformar os dados. Quem se habilita?

### FENAT 2026

Ocorre, entre 30 de maio e 21 de junho de 2026, a FENAT 2026, onde serão expostas à venda as mais recentes novidades no mundo das confecções e da malharia. Evento recheado de atrações, culinária e turismo rural, além, necessariamente da exposição da FENAT e das centenas de lojas espalhadas pela cidade. Dica de quem conhece, saia da área central para os pontos mais periféricos onde é possível estacionar com facilidade, comprar produtos com o mesmo padrão de qualidade e preços convidativos, correndo o risco de encontrar algum pequeno restaurante servindo comida mineira. Aventure-se!

### DIA DAS MÃES

Nesta data especial, ainda ecoam as homenagens e o carinho dedicados às mães de nossa comunidade pelo Dia das Mães recentemente celebrado. O Jornal Monte Sião registra seu reconhecimento a todas aquelas que, com amor, dedicação

e coragem, são alicerces de nossos lares e constroem com tanto zelo a história de cada um de nós. Nossa sincera gratidão e admiração!

### TEMPOS RUINS, DE MUITA DIFICULDADE, MENTIRAS E PERSEGUIÇÕES

Parece que estamos lendo roteiros e assistindo filmes de faroestes italianos. Terras sem Leis, perseguições, bandagens e ausência total de escrúpulos que fazem qualquer filho de Deus perder o sono e a vontade de sair às ruas. As ações maldosas de pessoas (um absurdo de gente) que se dedicam ao mal e a sangrar quem ainda se propõe a viver na decência e a trabalhar honradamente. E não se restringe só aos âmbitos dos indivíduos, haja visto que até a Prefeitura de Monte Sião tem sido vítima de seguidos golpes... o último deles atingindo toda a frota de ônibus de transporte de alunos da zona rural. Até quando?

### DE XERIFE A VINGADOR, DE AGENTE DA LEI A PERSECUTOR

Sem discutir o mérito dos fatos, mas parece que o que os agentes do governo estão fazendo com as pessoas do norte do Brasil, a maioria atraída para lá em assentamentos e incentivo de governos anteriores, está errado. O tempo dirá, mas até lá, haja sofrimento. O Sangue do Senhor tem poder!

### APESAR DO PEDÁGIO CARO...

Apesar do pedágio caro, a manutenção das rodovias do Sul de Minas resvala ao descaso. Pinturas apagadas, olhos de gato arrancados e manutenção de pistas insuficientes com remendos porcamamente mal feitos. Não adiantou nada a instalação do pedágio!

## CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

### MAIS UMA VEZ

(Valsa - 19/07/1978)

LETRA E MÚSICA:  
ACÁCIO CÉTOLO E PASCOAL ANDRETA

#### I

Mais uma vez, mais uma vez, meu amor,  
A sorte ingrata vai, por fim, nos separar.  
E desta vez, talvez, não mais poderei,  
Amor, aqui voltar, voltar.  
Junto comigo levarei teu sorriso,  
A graça do teu corpo, a luz do teu olhar.  
E mesmo assim não saberei  
Se lá suportarei o drama de ficar.  
Mais uma vez, mais uma vez, meu amor,  
Diremos na partida um doloroso adeus.  
Lágrimas tristes nos teus olhos  
E lágrimas nos olhos meus!  
Dois corações a soluçar...  
Um vulto a se afastar...

E vem por fim, e vem por fim uma saudade  
Sem fim, aos poucos nos matar.

#### II

Mais uma vez, amor, a insipidez  
Da vida sem os beijos teus  
Me seguirá, fiel, por terra, céu e mar.  
Tudo então será travor, mágoa,  
Pranto, dissabor, sombra, silêncio,  
Solidão, até nas noites de luar.  
Mais uma vez, amor, a provação  
Por certo me procurará e me dirá  
Das coisas que, bem sei, perdi:  
Da ternura que Deus pôs  
No caminho de nós dois,  
Dos mil beijos que a distância  
Me roubou de ti.

(Acácio Cétofo foi um grande músico de Monte Sião, figura presente no meio cultural e artístico da cidade. Em sua homenagem, o Jornal Monte Sião e os Seresteiros de Monte Sião publicam esta sua composição em parceria com Pascoal Andreta).

**ACM** ADRIANO - CHARLES - MAURICE  
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635  
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

**PORCELANA MONTE SIÃO**

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP  
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil  
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do  
Circuito das Águas Paulista

**TELESON**  
TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671  
Monte Sião: (35) 3465-4963  
WhatsApp: (19) 99773-1001

**Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise**

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

## Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

**Rua Presidente Tancredo Neves, 194**  
Fone: 3465-1144

**Sebo do Ismael**

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,  
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP  
Telefone: (19) 3824-1507    WhatsApp: (19) 99343-9180